



AEP

ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE PORTUGAL
CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA

SECTOR FLORESTAL

AEP / Gabinete de Estudos

Março de 2008

Índice

1. Sector florestal: uma riqueza estratégica do ponto de vista ambiental, económico e social.....	3
2. Floresta: dados do último Inventário Florestal Nacional	4
3. Alguns dados sobre a balança comercial de produtos florestais	7
4. Algumas tendências da procura.....	11

1. Sector florestal: uma riqueza estratégica do ponto de vista ambiental, económico e social

O sector florestal português é correntemente apontado como uma riqueza estratégica, cuja necessidade de preservação e de desenvolvimento acolhe unanimidade nacional.

Do ponto de vista ambiental, é decisiva a contribuição do sector florestal para a conservação da natureza e para o equilíbrio do ambiente, designadamente em matéria de promoção da biodiversidade, de defesa contra a erosão, de correcção dos regimes hídricos e da qualidade do ar e da água. É de realçar a importante função da floresta como sumidouro de carbono. O crescimento lenhoso é apontado como um factor de mitigação do efeito de estufa pela correspondente absorção de CO₂, sendo o crescimento da floresta portuguesa quantificado e contabilizado nos acordos internacionais a que Portugal aderiu, podendo assim representar uma ajuda para compensar as emissões de outras actividades, nomeadamente da indústria e dos transportes.

Neste âmbito, o aproveitamento de biomassa florestal para a produção de energia afigura-se como uma actividade promissora para promover a redução do material combustível, principalmente no contexto dos custos actuais do petróleo.

Para além da componente ambiental, o sector florestal assume também uma importância significativa numa perspectiva económica e social, gerando no seu conjunto aproximadamente 3% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) da economia e representando cerca de 10% das exportações nacionais.

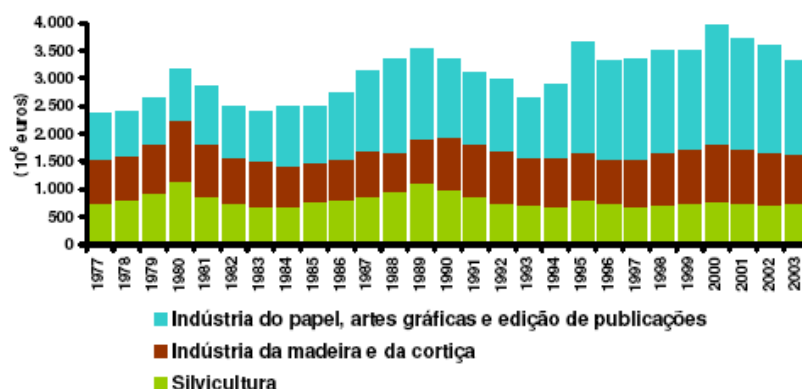
De acordo com o documento “*Estratégia nacional para as Florestas*”, de 2006, a floresta portuguesa tem características de um sector competitivo tanto no mercado interno como externo e uma flexibilidade que lhe tem permitido ajustar-se a choques externos. A floresta é ainda um suporte importante para a criação de emprego e apresenta uma diversificação de actividades, algumas das quais assumem uma importância significativa em regiões economicamente desfavorecidas.

Ainda de acordo com o referido documento, a floresta tem sido a base de um sector da economia que gera cerca de 113 mil empregos directos ou seja 2% da população activa. Este número tem-se mantido mais ou menos constante durante as últimas duas décadas o que, com o nível de produção que se tem verificado, sugere um crescimento na produtividade do trabalho no sector.

Apesar do VAB do sector florestal mostrar uma tendência de crescimento nas últimas décadas, têm sido distintas as trajectórias das diferentes fileiras industriais:

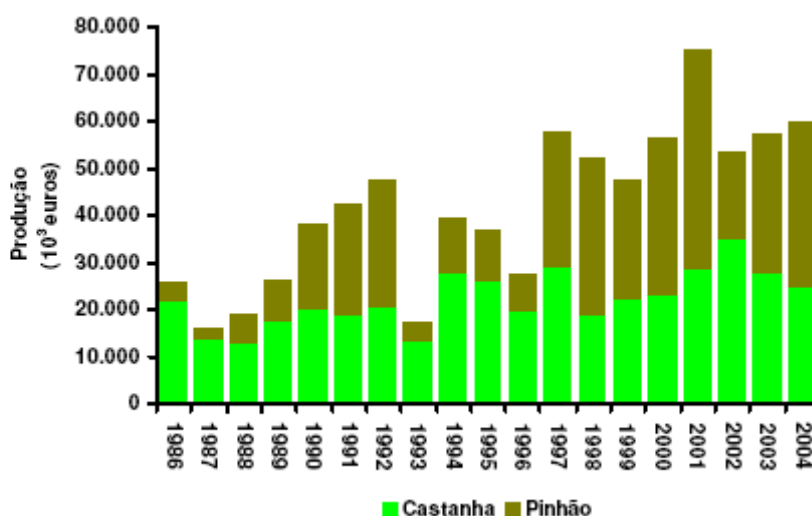
- A fileira da madeira de serração tem vindo a assistir a um fenómeno de concentração, com o desaparecimento de pequenas serrações. As estatísticas apontam para que entre 1998 e 2005 o número de serrações tenha diminuído, mantendo-se, no entanto, o volume de vendas, o que evidencia o dinamismo da fileira e a sua capacidade de se ajustar às mudanças.
- A fileira da pasta e papel contribui para cerca de 4 mil empregos directos (dados de 2005), tendo a sua principal evolução sido no sentido do aumento da integração vertical no sector, com maior produção de papel e cartão, conduzindo a um acréscimo de valor do produto.

- A fileira da cortiça representa uma importante fracção no comércio externo nacional, com cerca de um terço do total das exportações.



Fonte: “Estratégia nacional para as Florestas”, ano de 2006

O sector florestal gera produtos e serviços muito diversos e apresenta pólos economicamente activos a uma escala local. Para além dos produtos madeireiros baseados nas duas espécies dominantes na produção lenhosa, pinheiro e eucalipto, e da actividade corticeira, acresce a produção de frutos secos, cuja produção tem aumentado de valor ao longo das últimas duas décadas.



Fonte: “Estratégia nacional para as Florestas”, ano de 2006

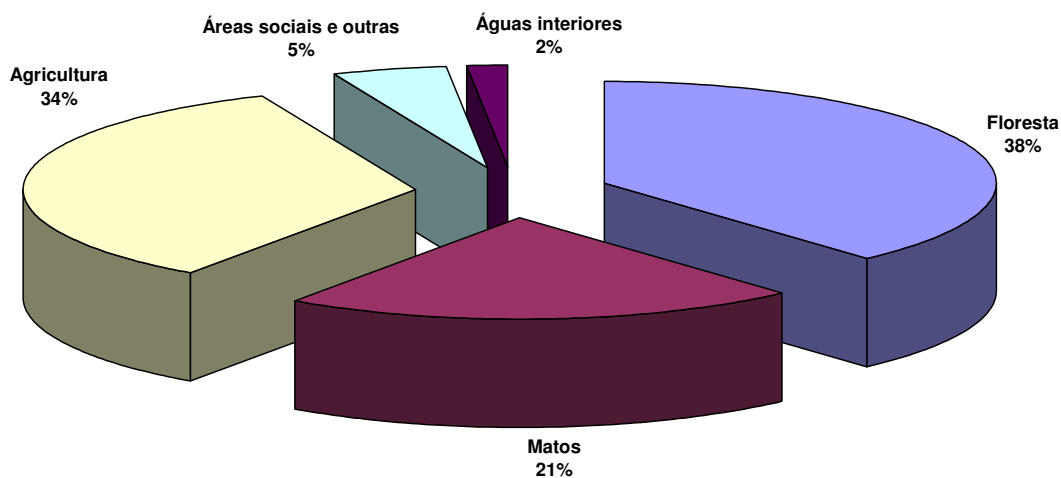
2. Floresta: dados do último Inventário Florestal Nacional

De acordo com os dados do último Inventário Florestal Nacional (IFN) - 2005-2006, da Direcção-Geral dos Recursos Florestais, a floresta portuguesa ocupa 3,4 milhões de hectares, ou seja 38% do território nacional, registando-se um aumento de 63 mil hectares relativamente ao anterior IFN (1995/1998), sendo a existência da madeira em pé das principais espécies abastecedoras da indústria, avaliada em 67 milhões de m³ de madeira de pinho e 41 milhões de m³ de eucalipto.

Distribuição da área por uso do solo (IFN 2005/2006)

Uso do solo	Área (1000 ha)
Floresta	3412,3
Matos	1898,6
Agricultura	3011,6
Áreas sociais e outras	413,5
Total	8879,8

Distribuição dos principais usos do solo



Fonte: IFN 2005/2006

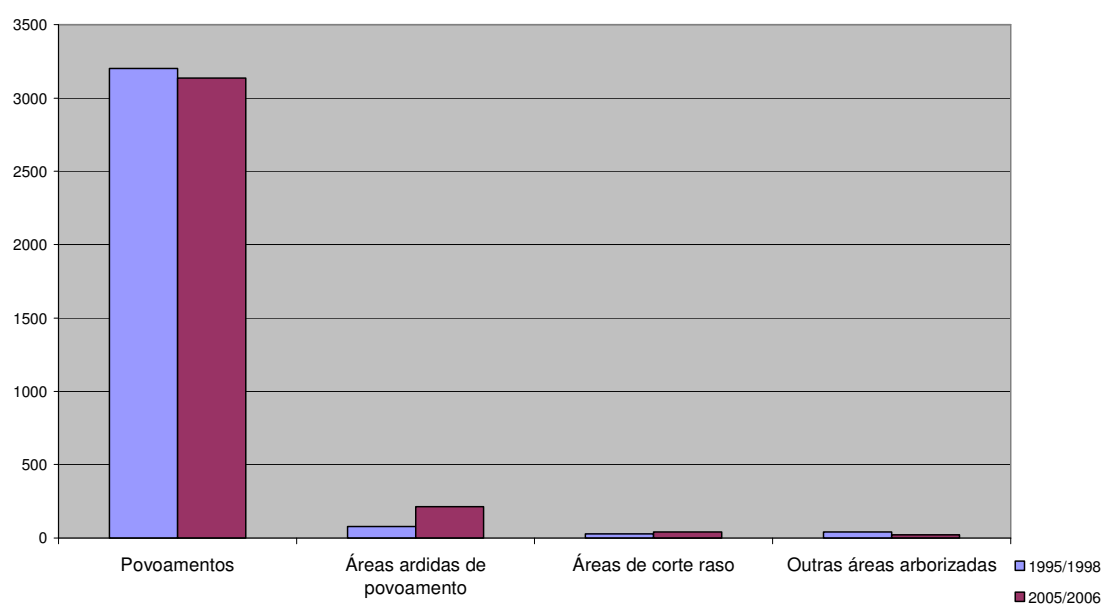
Distribuição da área por tipo de floresta (IFN 1995/1998)

Ocupação florestal	área	
	(x1000 ha)	%
povoamentos	3 201	96
áreas ardidadas	79	2
cortes rasos	27	1
outras áreas arborizadas	41	1
Total	3 349	100

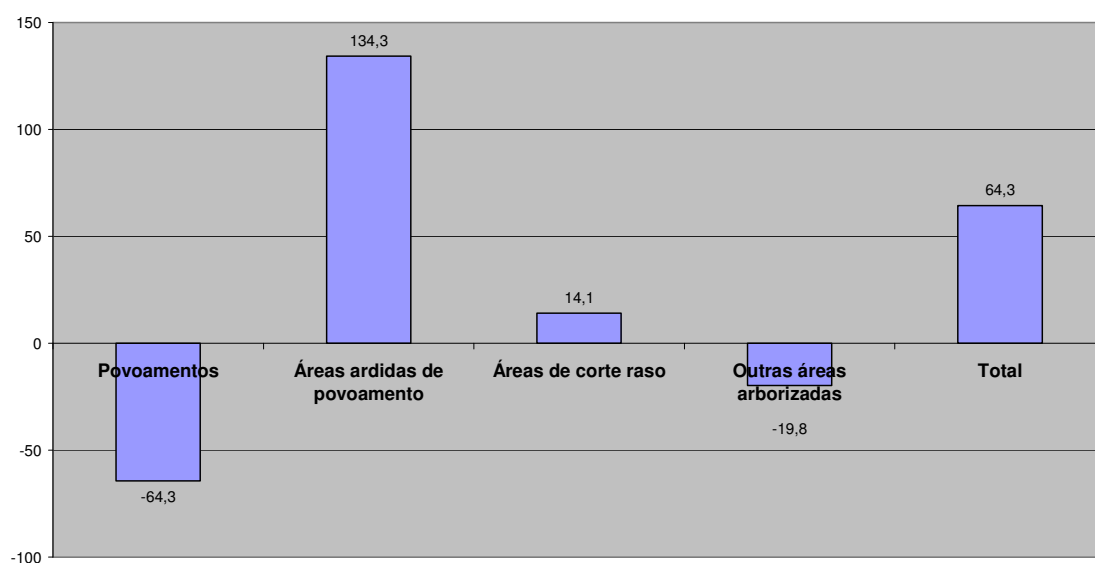
Distribuição da área por tipo de floresta (IFN 2005/2006)

Ocupação florestal	área	
	(x1000 ha)	%
povoamentos	3136,7	91,9
áreas ardidas	213,3	6,3
cortes rasos	41,1	1,2
outras áreas arborizadas	21,2	0,6
Total	3412,3	100

Área por tipo de floresta (1000 hectares), em Portugal Continental



Varição das áreas dos tipos de ocupação florestal, 1000 hectares (entre 1995/1998 e 2005/2006)

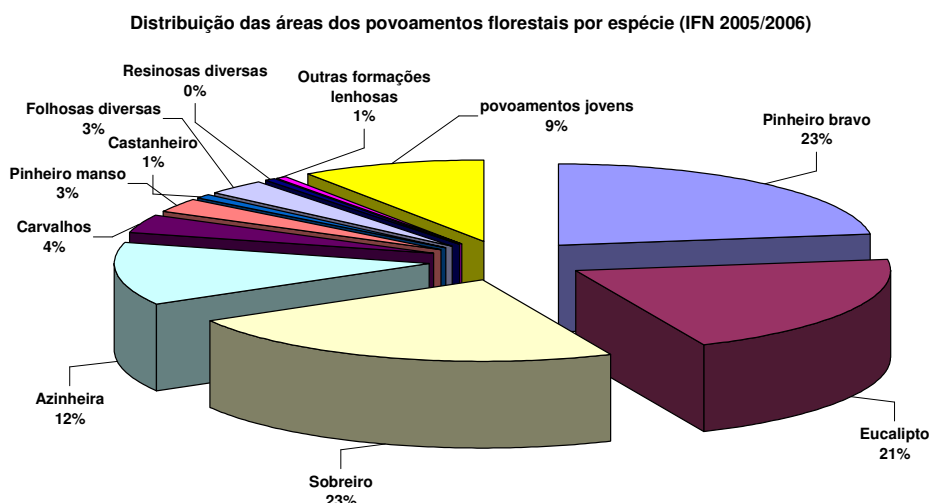


Relativamente ao tipo de floresta, registou-se uma diminuição de 64 mil hectares na área de povoamentos e um aumento de 134 mil hectares de áreas aridas de povoamentos. Destas, cerca de 55% estavam ocupadas com pinheiro-bravo e 30% com eucalipto. Dos 41 mil hectares identificados como áreas cortadas, cerca de 55% estavam ocupadas com eucalipto e 37% com pinheiro-bravo.

No que diz respeito à evolução das áreas ocupadas por espécie dominante, entre 1995/1998 e 2005/2006, destaca-se a diminuição de 245 mil hectares de pinhal-bravo que, de acordo com a DGRF, deixa de ser a espécie dominante, sendo ultrapassada pelo sobreiro que ocupa agora 736,7 mil hectares.

De notar que a gestão dos montados de sobreiro, com a exploração da cortiça, gera uma importante fonte de rendimentos a nível local e regional (em parte do interior do País), contribuindo assim de forma positiva para manter o emprego e o equilíbrio no mundo rural.

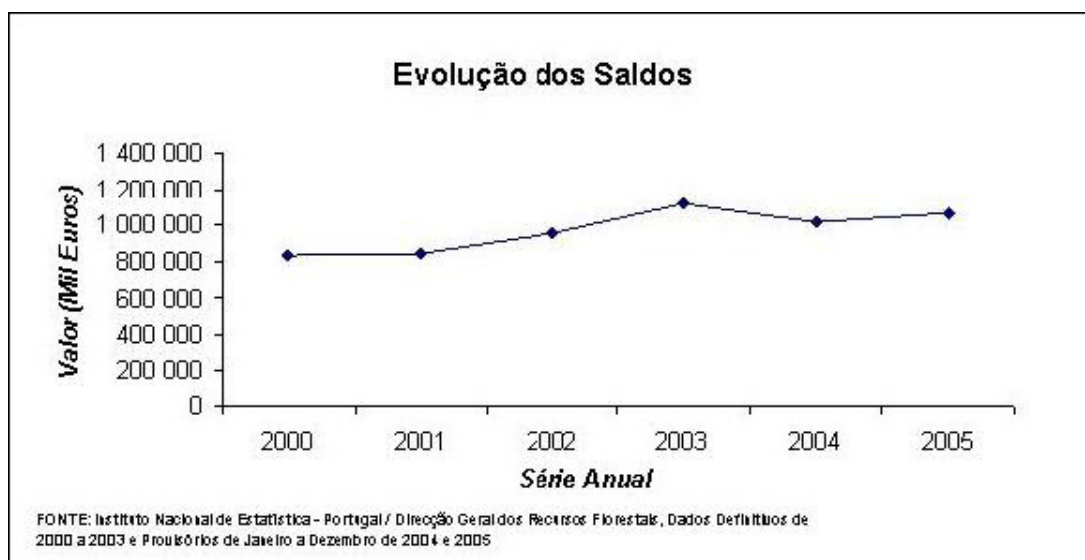
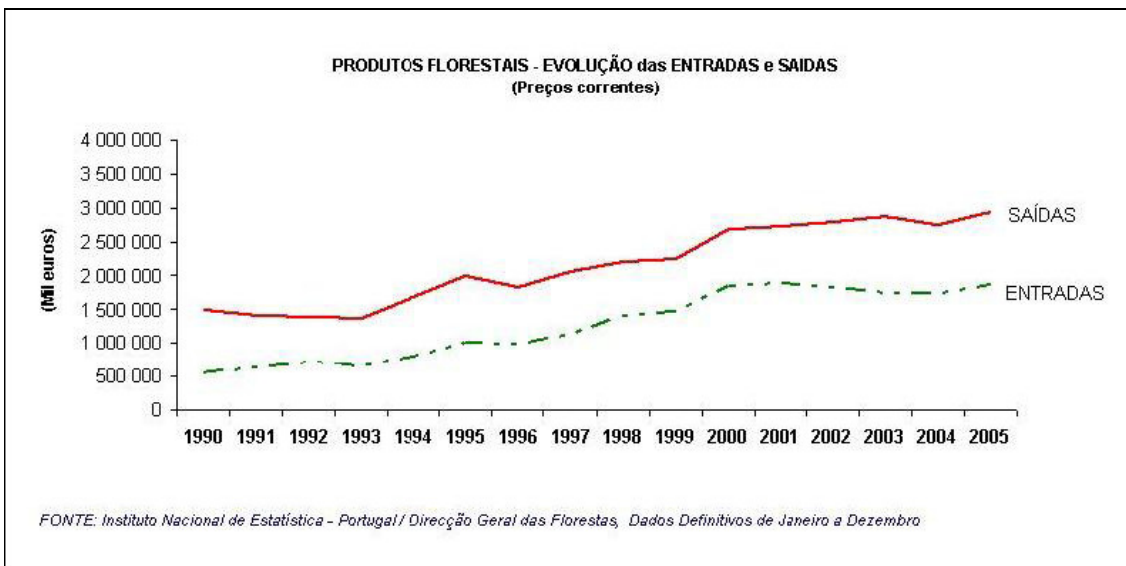
Em termos ambientais, é sabido que os montados de sobreiro e os sobreirais desempenham funções importantes na conservação do solo, na regularização do ciclo hidrológico, na qualidade da água e na produção de oxigénio.



3. Alguns dados sobre a balança comercial de produtos florestais

A balança comercial de produtos florestais apresenta tradicionalmente um saldo positivo. Em 2005, as exportações de produtos florestais, representaram um peso de cerca de 2% do PIB nacional e de cerca de 10% das exportações nacionais.

Nos últimos anos tem-se registado um aumento quer das exportações quer das importações (a preços correntes), embora em 2004 se tenha observado uma ligeira quebra, devido, entre outros factores, ao aumento do preço do petróleo. Em 2005 tanto as exportações como as importações voltaram a crescer.



No cômputo do comércio internacional de produtos florestais, Portugal é essencialmente exportador de papel (papéis gráficos-não couchê e de cobertura “kraft”) e de cortiça (32% e 29%, respectivamente, do total das exportações) e importador de madeira e de papel (couchê, para embalagens e usos domésticos e sanitários), respectivamente 27% e 51% das importações (dados de 2005).

No que se refere à exportação de produtos florestais, constata-se que o papel tem vindo a aumentar o seu peso na balança comercial, tendo ultrapassado em 2003, pela primeira vez, o valor de exportação da cortiça. Em 2005, o valor de exportação do papel voltou a superar o valor da cortiça em cerca de 104 milhões de euros. O mercado de destino é essencialmente a UE, que absorve 80% das exportações, destacando-se os mercados da Espanha, França e Alemanha. A certificação é considerada como essencial para manter a boa imagem do papel e cartão junto dos consumidores.

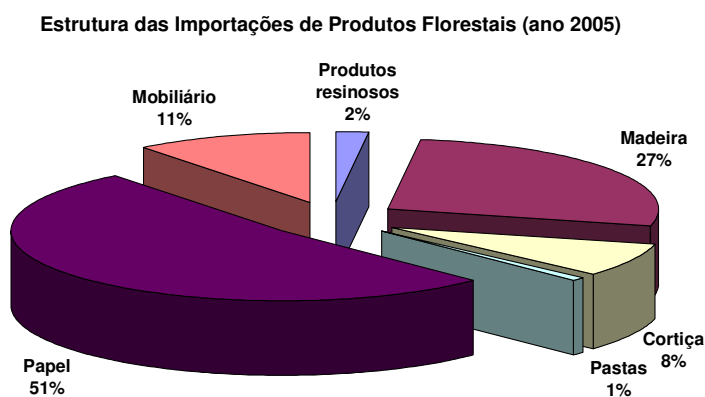
De notar que Portugal é líder mundial na produção de cortiça e na indústria de produtos derivados da cortiça, sendo a rolha de cortiça natural o principal produto exportado, que representa mais de metade do valor da exportação total de cortiça, seguida da rolha de cortiça aglomerada com 24%, enquanto os aglomerados de revestimento e de isolamento representam cerca de 17%.

Por outro lado, o sector resinheiro em Portugal, à semelhança de outros países europeus, tem vindo a perder mercado, registando um ligeiro acréscimo em 2003, para voltar a descer no ano seguinte para os níveis habituais. A resina é, também, o produto florestal com menor peso na balança comercial do sector.

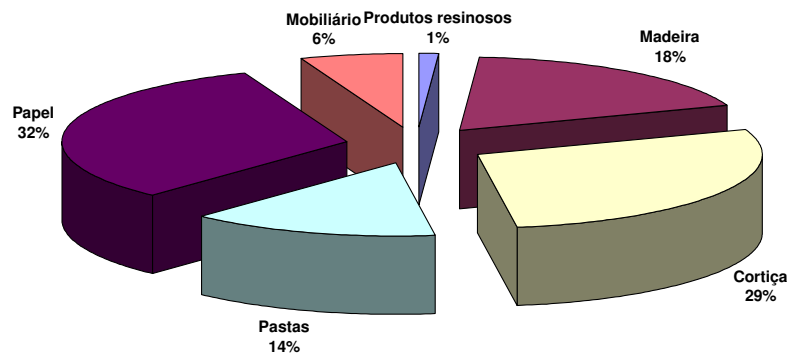
O sector florestal português importa essencialmente papel, em especial o papel de jornal e outras especificações de papel, sem produção em Portugal e, de acordo com a DGRF, com crescente consumo nacional proveniente, entre outros, da expansão de jornais e outros periódicos, donde resultou um elevado incremento ao nível das importações.

No que se refere à madeira, quer as exportações quer as importações têm vindo a aumentar. O mercado dos produtos da madeira é fundamentalmente o mercado europeu, tanto nas exportações como nas importações, sendo que o mercado espanhol absorve mais de metade da madeira serrada exportada. Os painéis, a madeira em bruto e serrada e ainda outra obra de madeira constituem os principais produtos exportados, enquanto a nível da importação os principais produtos são a madeira serrada, a madeira em bruto e outra obra de madeira.

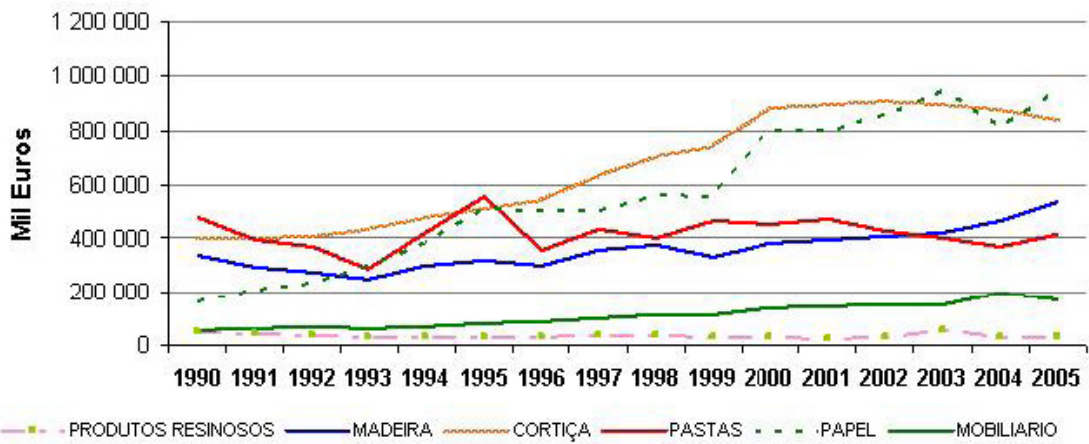
De acordo com dados da DGRF, o consumo de madeira serrada tem tido um forte crescimento denotando alguns sinais de recuperação. Por outro lado, o aumento do preço do petróleo continua a estimular o consumo de madeira para energia, conduzindo à competição entre a utilização da madeira de reduzidas dimensões para energia e a utilizada para painéis e para pasta. As “pelletes” (madeira para energia processada) têm registado um forte crescimento, assistindo-se a um desenvolvimento do comércio internacional da bioenergia.



Estrutura das Exportações de Produtos Florestais (ano 2005)

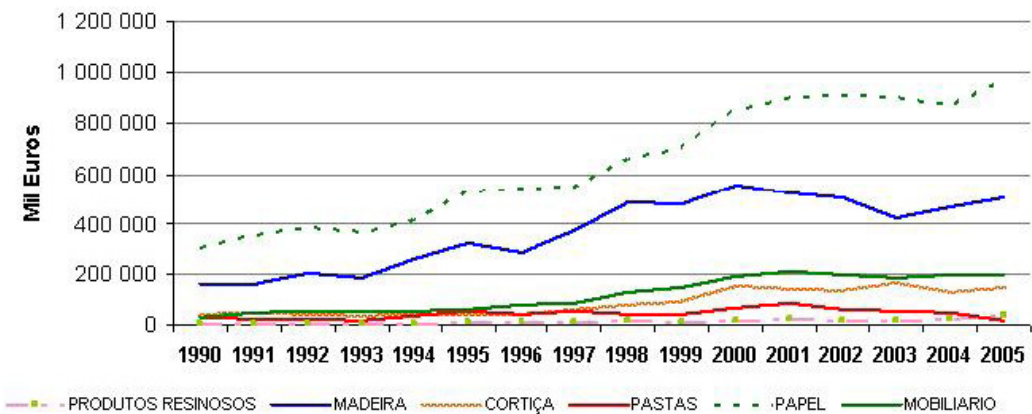


**PRODUTOS FLORESTAIS - EVOLUÇÃO das SAIDAS
(Preços correntes)**



FONTE: Instituto Nacional de Estatística - Portugal / Direcção Geral das Florestas, Dados Definitivos de Janeiro a Dezembro

**PRODUTOS FLORESTAIS - EVOLUÇÃO das ENTRADAS
(Preços correntes)**



FONTE: Instituto Nacional de Estatística - Portugal / Direcção Geral das Florestas, Dados Definitivos de Janeiro a Dezembro

4. Algumas tendências da procura

De acordo com a DGRF o comércio externo do sector florestal é fortemente influenciado pelas tendências internacionais, sendo particularmente importante que as indústrias e os proprietários tenham em conta os desenvolvimentos relativos à procura de produtos certificados, à madeira para energia e à dinâmica que os mercados emergentes (como a China) estão a imprimir no mercado global.

Saliente-se que o consumo de madeira para energia, está a crescer em muitas regiões, influenciado pelos altos preços do petróleo e pelas políticas de procura de energias renováveis, designadamente em consequência dos compromissos assumidos no âmbito do protocolo de Quioto.

No que se refere ao mercado de painéis, de acordo com os dados da DGRF, parece confirmar-se a tendência para um elevado nível de consumo na Europa, devido à elevada procura por parte dos mercados da construção, do mobiliário, das molduras e dos soalhos.